Vigésima carta — Recusa de fazer a Genuflexão

> **Sumário.** Consequências dessa recusa: a desordem, o castigo. — Para os indivíduos. — Para as nações. — Dever imposto aos católicos pela recusa da genuflexão. — A genuflexão é um Credo. — Afirma exteriormente todas as verdades cristãs. — Reduz a nada todas as negações da impiedade. — Consola Nosso Senhor das ofensas que lhe são feitas.

25 de julho.

Meu caro amigo,

Até aqui dois fatos estão estabelecidos. O primeiro, a existência da grande lei da Genuflexão e o seu cumprimento por todas as criaturas do céu, da terra e dos infernos. O segundo, a recusa obstinada do século XIX de fazer a Genuflexão diante de Deus, acompanhada da vergonhosa docilidade em fazê-la diante de tudo o que não é Deus.

Resta ver igualmente duas coisas: as consequências dessa recusa e o dever que ela impõe aos católicos.

As consequências. A primeira é a desordem. A Revolução começou pela proclamação dos direitos do homem. Em outras palavras, a Revolução pôs o homem no alto e Deus embaixo. O homem revolucionado fez-se Deus; adorou-se, fez a Genuflexão diante de si mesmo. Essa genuflexão sacrílega, sendo a violação permanente da primeira lei da criação, é a desordem em permanência: nada é mais evidente.

A segunda consequência é o castigo. Como o ímã atrai o ferro, a desordem chama o castigo. O homem pode fazer o que quiser, revoltar-se, rebelar-se, zombar, julgar-se independente, invulnerável, e dizer altivamente, como seus pais na impiedade: *«Eu pequei, e que mal me veio daí?»*: *Peccavi, et quid mihi accidit triste?*[1] Deus terá a última palavra. Enquanto todo joelho não dobrar diante dele, ferirá; e terá razão.

O homem individual, devendo comparecer em pessoa diante do tribunal do soberano Juiz, Deus tem para feri-lo o tempo e a eternidade. Dá-se de outro modo com o homem coletivo: famílias, dinastias, cidades, nações. Como esses seres coletivos não vão em corpo para o outro mundo, é na terra que Deus terá a última palavra sobre a sua obstinação em não dobrar o joelho diante dele.

Qual é essa última palavra? Abramos a história. Por não terem querido fazer a Genuflexão diante de Deus, o mundo antediluviano pereceu; o mundo pagão pereceu; Babilônia pereceu; Tebas, Atenas, Esparta, Roma pereceram. Assim sucederá, mais cedo ou mais tarde, a todas as famílias, a todas as dinastias, a todas as cidades, a todas as nações que se recusam a fazer a genuflexão diante de Deus: *«Porque a gente e o reino, que te não servir, perecerá»*: *Gens et regnum quod non servierit tibi peribit.*[2] Quando o mundo inteiro se recusar a fazer a genuflexão diante de Deus, será o fim.

Vês, caro amigo, que a Genuflexão é o pivô do mundo. Fazê-la é a vida; não fazê-la é a morte. Que futuro prepara para si o mundo do século XIX, que não só já não faz a genuflexão diante de Deus, mas não quer que se faça, que ameaça e persegue os que a fazem, ao mesmo tempo que ele próprio a faz sem cessar diante de tudo o que não é Deus? Aguardo a resposta de quem for capaz de ligar duas ideias.

Os deveres. Entre Jesus Cristo e Belial a luta hoje é de morte. Já não temos de lidar com as heresias antigas ou modernas, que, mesmo negando certas verdades, respeitavam algumas outras. Agora a negação é radical. Diante dela, ouvimo-lo em nossas últimas cartas, nada fica de pé. A existência de Deus, a divindade de Nosso Senhor, a instituição divina da Igreja, a origem e a natureza do homem, os seus deveres e o fim de sua vida, as suas práticas religiosas, os sacramentos, o céu, o inferno, a eternidade são para ela outras tantas quimeras malfazejas de que é preciso libertar o gênero humano, matando os padres que as sustentam e os católicos que as respeitam.

Como refutar todas essas impiedades? Como protestar eficazmente contra tantas blasfêmias? Há um meio, mas só há um. A uma negação radical, opor uma afirmação radical. Como há negadores, e em grande número, nas cidades e nos campos, entre os letrados e os burgueses, até entre as mulheres, é preciso que se encontrem afirmadores, ao menos em número igual, nas cidades e nos campos, em todas as camadas e em todas as condições da sociedade.

Mas vais dizer-me:

> *Queres então que todos os católicos, homens, mulheres, crianças, sábios e ignorantes, façam livros, escrevam jornais, pronunciem discursos, entrem cada dia em discussão com os negadores. Como entendes isso?*

Como entendo! Sim, quero que todos os católicos, sem exceção, os que não sabem ler como os que sabem; o camponês que cultiva a terra; o operário que forja os metais ou fabrica os tecidos; a boa mulher que fia na roca, e até a criancinha que vai ao catecismo, escrevam um livro, façam uma demonstração que, cada dia e em toda a extensão da terra, afirmando publicamente a sua fé, reduza a nada as negações cada dia e por toda parte repetidas por Satanás e seus sequazes. Qual é esse livro? Vais sabê-lo.

A adoração, provamo-lo, é a primeira lei dos seres. A Genuflexão é o ato exterior, significativo, universal da adoração. Assim o entenderam e praticaram, assim o entendem e praticam ainda todos os povos do mundo. A Genuflexão é, pois, um livro em ação. É o Credo visível; o Credo que, na Igreja católica, contém todo o cristianismo, como a bolota contém todo o carvalho.

Sim, todo o cristianismo, meu caro Frederico, absolutamente tudo. É inútil recordá-lo: todas as negações da impiedade, todas as suas blasfêmias, todos os seus sofismas são outros tantos golpes que visam ao mesmo alvo: a negação da divindade de Nosso Senhor.

Eis a razão. Satanás é o inimigo implacável do Verbo encarnado: o seu ódio infernal não tem outro objeto. Por não ter querido adorar no céu o mistério da Encarnação, foi precipitado no inferno. Desde esse momento só tem um pensamento: vingar-se do Verbo encarnado. De que maneira? Esforçando-se por tornar impossível ao homem a crença no dogma da Encarnação.

Daí os três grandes erros, princípio e fim de todos os outros, que soprou sobre o mundo: o Panteísmo, o Materialismo, o Racionalismo.

O panteísmo: se tudo é Deus, não há Encarnação.

O materialismo: se tudo é matéria, não há Encarnação.

O racionalismo: se todas as verdades estão contidas nos limites da razão, não há mistérios e, por conseguinte, nenhuma Encarnação.

Estude-se com cuidado cada heresia, cada negação antiga ou moderna, e ver-se-á que todas saem de um desses três gigantescos erros e a eles reconduzem.

A divindade de Nosso Senhor foi, pois, é ainda e será sempre o alvo de todos os ataques do demônio e de seus sequazes; a última palavra da guerra começada nos primeiros dias do mundo para só acabar com os séculos. A prova é evidente: se os ímpios admitissem esse único dogma, todos os seus golpes cairiam em falso ou se perderiam no ar.

Com efeito, todas as verdades que combatem estão contidas nesse dogma fundamental e dele decorrem como o regato da fonte. O Símbolo, o Decálogo, os Sacramentos, a Igreja, a sua infalibilidade, a infalibilidade de seu Chefe têm a sua razão de ser, a sua base, a sua sanção, o seu fim na divindade do Verbo feito carne.

Por isso, nestes dias de luta de morte, em que os dardos inflamados do demônio caem sobre nós como granizo, basta aplicar o ouvido para escutar a voz do Salvador que nos diz do fundo de seu tabernáculo:

> *Igreja, minha esposa; pontífice, meu Vigário; bispos, padres, religiosos, meus ministros; católicos, meus filhos: é a mim que atacam em vós; é sobre mim que caem todas as injúrias que vos dirigem, todas as calúnias com que vos*

> *denigrem, todos os ultrajes de que vos saciam: os opprobrios dos que te improperavão a ti, recahírão sobre mim.*[3] *É por causa de mim e de vossa fé em mim que vos perseguem. Ah! se não crêsseis na minha divindade, os ímpios saberiam que sois dos seus e vos deixariam em paz.*[4]

Falando, se é possível, ainda mais claramente, dirige a seus perseguidores de hoje a mesma pergunta que fazia a Saulo no caminho de Damasco: *«Saulo, Saulo, porque me persegues?»*[5] Ao perseguir a minha Igreja, o meu Vigário, os meus ministros e os meus filhos, é a mim mesmo que perseguis, que ultrajais, que caluniais, que blasfemais. Que mal vos fiz? Que bem não vos fiz? Tudo o que possuís de verdadeiro, de bom, de belo, a quem o deveis? Lembrai-vos do que era o homem antes da minha Encarnação, do que ainda é onde ela não é conhecida: vede o que vem a ser quando ousa negar esse dogma salutar.»

Perguntas-me, meu caro amigo, qual é a conclusão prática dessas verdades elementares. Aqui está: todo cristão, sábio ou ignorante, jovem ou velho, homem ou mulher, que faz a Genuflexão diante do Santíssimo Sacramento, e que a faz bem, escreve um livro, recita um Credo; e, por sua conta, pulveriza todas as negações da impiedade.

Ora, como se contam na superfície do globo ao menos cem milhões de católicos adultos, pode-se supor em média que se fazem cada dia diante de Nosso Senhor cem milhões de Genuflexões, isto é, cem milhões de afirmações opostas cada dia às negações da incredulidade.

Não é tudo. Como esses cem milhões de católicos estão espalhados sob todas as latitudes, resulta que, em razão do movimento do sol, o santo sacrifício da missa se celebra noite e dia sem interrupção, de modo que a Genuflexão católica, quero dizer, a afirmação exterior da divindade de Nosso Senhor, nunca é interrompida.

A Genuflexão católica é, pois, um admirável Credo que, cem milhões de vezes em vinte e quatro horas, diz ao ímpio: *«Se insultas, adoro; se negas, afirmo; se negas tudo, afirmo tudo.»*

Assim, opondo uma afirmação radical e universal a uma negação igualmente radical e universal, a genuflexão restabelece o equilíbrio do combate e mostra em toda a sua extensão a imensidade da luta atual entre Jesus Cristo e Belial, entre o cristianismo e o paganismo.

Faz ainda mais: o teu coração vai compreendê-lo. A Genuflexão consola Nosso Senhor, prestando-lhe as homenagens mil vezes merecidas que tantos outros lhe recusam. Oh! como lhe é sensível essa consolação, hoje sobretudo, neste século XIX que já não tem, para o Deus a quem tudo deve, nem respeito nem amor, mas apenas indiferença, ódio, desprezo e blasfêmias! Mais que nunca pode repetir, esse Deus de bondade: *«Criei huns filhos, e engrandeci-os: porém elles me desprezárão.»*[6]

Mas também que recompensa reserva aos que lhe permanecem agradecidos e fiéis, no meio das fraquezas e deserções de tantos outros!

> *Mas vós-outros sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações: e por isso eu preparo o reino para vós-outros, como meu pai o tem preparado para mim, para que comais, e bebais á minha meza no meu reino: e vos senteis sobre thrones, para julgar as doze tribus d'Israel.*[7]

Depois de te haver mostrado a alta importância da Genuflexão, sobretudo nos tempos atuais, resta expor as regras pelas quais a Igreja, em sua admirável sabedoria, determina o cumprimento desse ato, infelizmente pouco compreendido e muitas vezes mal feito. Tal será o assunto da minha última carta.

Todo teu.

Notas

[1] N. do T.: Eclo 5, 4: «Não digas: Eu pequei, e que mal me veio daí?».

[2] *Gens enim et regnum, quod non servierit tibi, peribit.* (Is 60, 12).

[3] *Opprobria exprobrantium tibi ceciderunt super me.* (Sl 68, 10).

[4] *Si de mundo fuissetis, mundus quod suum esset diligeret; quia vero de mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo, propterea odit vos mundus. Sed hæc omnia facient vobis propter nomen meum.* — «Se vós fosseis do mundo: amaria o mundo o que era seu: mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso he que o mundo vos aborrece. Mas elles far-vos-hão todos estes maos tratamentos por causa do meu nome» (Jo 15, 19.21).

[5] (At 9, 4).

[6] *Filios enutrivi et exaltavi: ipsi autem spreverunt me.* (Is 1, 2).

[7] (Lc 22, 28-30).

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:54 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:54 by Admin